

RECURSOS AQUÍCOLAS AUTÓCTONES: AMEAÇAS E DESAFIOS À CONSERVAÇÃO

Amílcar Teixeira

CIMO – Centro de Investigação de Montanha, Esc. Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança, Departamento de Ambiente e Recursos Naturais, Campus de Santa Apolónia, Apartado 1172, 5301-855 Bragança (amilt@ipb.pt)

A fauna dulciaquícola autóctone de Portugal possui uma baixa diversidade e um número assinalável de endemismos, estando a sua distribuição relacionada com a bio-ecologia das espécies e com o estado de conservação dos ecossistemas aquáticos. As espécies estritamente dulciaquícolas pertencem às famílias *Salmonidae* (truta-de-rio), *Cyprinidae* (e.g. escaló, barbo, boga), *Cobitidae* (verdemãs), *Gasterosteidae* (esgana-gata), *Petromyzontidae* (lampreia-de-riacho) e *Bleniidae* (caboz-de-água doce). Ocorrem ainda espécies migradoras diádromas, que contemplam as famílias *Salmonidae* (salmão e truta-marisca), *Petromyzontidae* (lampreia-marinha), *Anguillidae* (enguia) *Clupeidae* (sável, savelha), *Atherinidae* (peixe-rei), *Mugilidae* (tainha, muge) e *Pleuronectidae* (solha-das-pedras). Muitas destas espécies estão ameaçadas, de acordo com o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Entre os impactes, maioritariamente de natureza antrópica, que estão na origem da degradação dos sistemas aquáticos e consequente redução/extinção da fauna autóctone, destacam-se a poluição tóxica e difusa, a regularização, a extração de inertes, o corte da galeria ripícola, os repovoamentos, a sobrepesca e especialmente a introdução de espécies exóticas, muitas vezes associada a prejuízos assinaláveis em áreas tão diversas como a conservação (e.g. eliminação de espécies autóctones) a economia (e.g. a orizicultura afectada pela expansão do lagostim) e aspectos sociais (e.g. hábitos de pesca desportiva, ocupação recreativa). Introduções relativamente mais recentes de perca-sol (*Lepomis gibbosus*), achigã (*Micropterus salmoides*) e lucioperca (*Sander lucioperca*), contrastam com outras mais antigas como a carpa (*Cyprinus carpio*) e a truta arco-íris (*Oncorhynchus mykiss*). Nos invertebrados está bem documentada a dispersão de crustáceos, como o lagostim vermelho (*Procambarus clarkii*) e mais recentemente o lagostim sinal (*Pacifastacus leniusculus*). Também os bivalves, caso do mexilhão-asiático (*Corbicula fluminea*) têm provocado impactos notáveis que poderão ser amplificados se o mexilhão-zebra (*Dreissena polymorpha*) se disseminar nos nossos sistemas aquáticos. Por tal motivo, justifica-se a necessidade de definir medidas e estratégias adequadas à sua erradicação ou, no mínimo, que evitem a expansão que tem ocorrido na última década. Afigura-se essencial o recurso a mecanismos de controlo (e.g. físico, químico e biológico), de gestão de habitats e o desenvolvimento de ações que salvaguardem a conservação da biodiversidade e a proteção de espécies autóctones ameaçadas. Segundo a Diretiva-Quadro da Água (DQA) devemos atingir o bom estado químico e ecológico dos ecossistemas aquáticos, só possível através da requalificação dos sistemas degradados, da correta gestão ambiental de albufeiras, da monitorização ecológica e fiscalização apropriada. Também a formação, divulgação e sensibilização das populações, em particular os jovens, serão factores decisivos para, no futuro, assegurar a preservação dos recursos aquícolas autóctones de Portugal.

Palavras-chave: recursos aquícolas, espécies exóticas, impactes, conservação.